

O QUE É EXPERIMENTADO EM SEGREDO É MAIS GOSTOSO? UM ESTUDO PSICOSSOCIAL NOS DARK'S ROOMS DO BAIRRO DA BOA VISTA DA CIDADE DO RECIFE

Ednaldo Antonio da Silva¹ – FAFIRE
E-mail: nicoitaenga@yahoo.com.br
Domênica Rodrigues dos Santos Silva - LUSÓFONA²
Fábia Cristina Mendes Barbosa³ - LUSÓFONA
Nailne Lira Silvério da Silva⁴ - LUSÓFONA
E-mail: nailne_lira@yahoo.com.br

Resumo:

O presente artigo é resultado de uma investigação exploratória, que por meio da observação participante que foi realizada em alguns Dark Rooms dos estabelecimentos gays localizados no Bairro da Boa Vista da Cidade do Recife-PE/BR. Os homoeróticos norteiam suas experiências sexuais, a partir do silêncio, em face do segredo e do medo da revelação de sua homossexualidade ao seu grupo social. A ansiedade mostrou-se o sintoma psicossocial gerado pelo sofrimento, tendo como consequência a angústia. Nesses lugares, os sujeitos podem tirar as máscaras e assumirem o seu verdadeiro papel social. Concluiu-se que nesses lugares, os sujeitos podem tirar as máscaras e assumirem o seu verdadeiro papel social.

Palavras-Chave: Esquemas; Homoerótico; Sofrimento.

1. Introdução

A escolha pelo tema proposto justificou-se pela quase inexistência de estudos na área das ciências sociais, apesar de alguns trabalhos referirem-se ao Dark Room de uma forma muito superficial. O Dark Room é um espaço frequentado por homens que não querem ser identificados e reconhecidos pelos seus parceiros e pelo seu grupo social. Nele, as pessoas garantem o anonimato da identidade, uma vez que, o temor que sua família descubra a homossexualidade, gera ansiedade ocasionada pela proibição sociocultural sobre as práticas homoeróticas. Diante do imaginário e da dinâmica do segredo, o sexo nesse local é mais atrativo, uma vez estando dentro, os homens assumem a sua real orientação sexual, possibilitando a transgressão livre das normas, regras, convenções sociais e religiosas.

Esse estudo partiu da seguinte objetivo geral: destacar os fenômenos psicossociais e culturais vivenciado pelos homoeróticos nos rituais realizados nos Dark's Rooms, uma vez que a frequência e permanência são realizadas em segredo. Observaram-se inúmeros aspectos

¹ Mestrando em Ciência da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; Psicólogo Hospitalar e Psicoterapeuta Cognitivo-Comportamental pela FAFIRE – Faculdade Frassinetti do Recife; Psicólogo pela Faculdade Estácio/FIR; Membro do COMDICA - Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente e Psicólogo do CRAS – Centro de Referência e Assistência Social de Lagoa de Itaenga\PE e Vitória de Santo Antão\PE.

² Mestranda em Ciência da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

³ Mestranda em Ciência da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

⁴ Mestranda em Ciência da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; Especialista em Dança e Consciência Corporal - UGF; Profª de Educação Física da Secretaria de Educação de Jaboatão dos Guararapes/PE e Recife/PE; Educadora Física da Clínica CTLV – Centro Terapêutico Libertação e Vida Igarassu/PE.

mantenedores e reforçadores do segredo, e a existência de um grupo praticante do *bareback*⁵, aumentando as possibilidades da contaminação das DST/Aids. Destacando aqui, a importância do fortalecimento das políticas públicas preventivas voltadas para os frequentadores desses locais.

2 Procedimentos Metodológicos

Nesse estudo à pesquisa de campo ocorreu através da observação participante que favoreceu a compreensão do comportamento homossexual e dos processos sociais vivenciado nesses locais (Moreira, 2002). Foram apreendidos os sentidos simbólicos definidores, importantes e reais, que são imersos no mundo imaginário do homoerótico e refletindo sobre construção representativa social da realidade. Os pesquisadores incorporam-se artificialmente ao grupo, (Barros & Lehfeld, 2000), sem que os sujeitos notassem que estavam sendo observados. Aplicou-se atentamente sentido aos rituais observados, possibilitando o entendimento da dinâmica do segredo, considerando que a observação participante é procedimento investigativo de suma importância.

Os detalhes observados foram descritos, assim como, as principais características que permeia a manutenção desses espaços como templos do prazer, e do imaginário sociocultural. O comportamento social dos homoeróticos, as relações e interações estabelecidas no Dark Room foram analisados atentamente a luz das ciências sociais permitindo uma aproximação da teoria à prática social (Cervo, 1996). O estudo foi árduo e difícil, no entanto, não impossível a sua realização.

2.1 Locus da Pesquisa

O Bairro da Boa Vista da Cidade do Recife foi escolhido por ter vários estabelecimentos privados homoeróticos como cinemas, saunas, boates, bares, clubes, restaurantes, lojas, shopping, hotéis e motéis. E pela existência dos equipamentos sociais público e privados como praças, teatros, escolas, faculdades, bibliotecas, parques, museus, hospitais, parada de transportes coletivos e etc. Além da diversidade de templos e igrejas. Recebendo diariamente pessoas de todas as partes do mundo, sendo palco de diversas manifestações e reivindicações de vários grupos sociais incluindo de trabalhadores, religiosos e políticos etc. Nele foi realizada as primeiras Paradas da Diversidade do Recife.

As primeiras boates LGBTT⁶ (GLS⁷) do Nordeste e do Brasil estão localizadas no bairro. Segundo Mott (2002), há registro histórico datado do ano de 1593 apontando que o Bairro da Boa Vista era local de encontro dos *sodomitas*⁸, por esse e outros motivos que ocasionou a vinda do Inquisidor membro do Tribunal do Santo Ofício - Heitor Furtado de Mendonça nas Capitânicas de Pernambuco, Olinda e Itamaracá. Os pesquisadores penetraram-se pelo silêncio que garantiu sentir

⁵**Bareback** – *Cavalo Sem Sela* (prática de não usar preservativos no sexo anal), movimento Norte-Americano formado por homoeróticos portadores, ou não, do Vírus HIV que pregam a não utilização da camisinha, afirmando que ela não foi feita/elaborada para ser utilizada na prática do sexo anal. Esse movimento é amplamente divulgado no mundo e nas America Latina pelas redes sociais.

⁶**LGBTT** – Sigla atual dos grupos de representação das Lésbicas, Gay, Bissexual, Travestir e Transexual. Surgiu em substituição da sigla GLS, após as mobilizações dos fóruns de lutas pela igualdade sexual, direitos humanos e pela promoção das políticas públicas. Este movimento ganhou força nos EUA e na EU no fim dos anos 90.

⁷**GLS** – Gay, Lésbica e Simpatizante. Essa sigla foi substituída pelo LGBT. Segundo os ativistas a atual faz uma representação mais ideal dessa parcela da sociedade.

⁸**Sodomitas** – São os praticantes da *sodomia*. A *sodomia* é a palavra usada nas instituições religiosas para designar as perversões sexuais, com ênfase para o sexo anal, que pode ser entre casais homoeróticos (*sodomitas*) ou casais heterossexuais. Na inquisição o sexo anal era referido como *sodomia*, pecado nefando ou sujidade. O termo foi por muito tempo também utilizado, na ciência para designar atos sexuais entre homens, ou qualquer ato sexual não reprodutivo dependendo do contexto. Atualmente tal palavra tem sido considerada pejorativa.

a escuridão, compreender o significado do silêncio e do segredo, como referido por Stoller (1966) no som de *godji*⁹.

A observação participante ocorreu nos estabelecimentos gays frequentados por homens com predominância de idade acima dos 30 anos, sendo: dois cinemas; duas saunas e; uma boate\clube\bar dançante. Foram realizadas 36 observações, uma visita para cada dia da semana em cada Dark Room, nos horários das 12:00 às 23:00 horas. Na boate\clube\bar foram realizadas nos finais de semana, da sexta ao domingo nos horários das 22:00 até às 05:00 horas, pelo fato de funcionar apenas nos fins de semanas e\ou vésperas de alguns feriados.

Os pesquisadores nesses privilegiaram a escuta, tentando driblar as dificuldades da escuridão e aproveitar as probabilidades, exercitando os outros sentidos como a audição (tentar ouvir a respiração, o som do tato, dos paços), ou seja, aprimorar sua atenção seletiva, sendo possível ouvir sons que antes não eram possíveis de serem ouvidos.

3 Breve História do Quarto Escuro – Dark Room

O quarto escuro é o calabouço político e social.

Na história das ciências sociais deparamo-nos com recorrentes reflexões sobre as estruturas sociais e\ou os regimes políticos que usaram\usam o quarto escuro, para o castigo dos contraventores (Thoreau, 2003). A inquietação com os desajustes da realidade social mobiliza pensadores há décadas procurando alternativas voltada para reestruturação, profunda senão completa, das relações entre indivíduos e sociedade (Bowker, 2003; Cambi, 1999), bem como pelo significado de tortura que representa (Pessotti, 1994). Na Grécia antiga, o *quarto escuro*¹⁰, era temido por ser a morada do deus Hardes¹¹ (Bremmer, 1995; Lima, 1986). Para os Cretenses, o *quarto escuro*¹² era a morada do temido *Minotauro*¹³.

Na Roma Antiga, os prisioneiros que desobedeciam as normas eram submetidos a castigo no *quarto escuro*¹⁴ um local sujo, sem condições de higiene, sofriam abusos e agressões (Foucault, 1984b; 1996). Posteriormente, durante as perseguições aos cristãos tornou-se esconderijo\templo de adoração, louvor e batismo – ritual de iniciação dos cristãos. Nos hospitais psiquiátricos os pacientes em crise eram amarrados, acorrentados, torturados e trancados nos *quartos escuros* (Pessotti, 1994; Campos, 1944; Foucault, 1978; 1984a; 1981). Na I e II Guerra Mundial ele foi a morada dos prisioneiros de guerra, onde eram submetido a questões sub-humanas.

⁹*Godji* – O observador penetrado pelo som através das vias sensoriais - audição criando uma comunicação de participação com os observados. O som tem o fundamento baseado da *experiência*, ele é diferentemente da visão, que estabelece uma distância entre o espectador e o objeto visto (Stoller, 1966).

¹⁰O *Quarto escuro* aqui se refere ao inferno morada do deus Hardes. O guardião do escuro, aquele que odiava os humanos.

¹¹*Hardes* é o deus das trevas\escuridão e da morte (deus do submundo).

¹²O *Quarto escuro* aqui se refere ao *labirinto* construído a mando do imperador *Minos* para aprisionar e esconder o *Minotauro* concebido pela sua esposa – Posífea em uma relação extraconjugal. Era o local de sacrifício humano.

¹³O termo *Minotauro* vem do grego antigo *Μίνώταυρος*, composto etimologicamente pelo nome *Μίνως* (Minos) e o substantivo *ταύρος* (touro) - (*o*) *Touro de Minos*. Em Creta, o Minotauro era conhecido como Astérion, - parte homem e parte touro. Que habitava o escuro *Labirinto*. “Ilustra também a imagem arquetípica da sombra, o arquétipo do mal que reside nos homens com efeito compensatório” (Jung, 1990, p. 93 e 94), “representa, a vitória sobre o mal” (Walker, 2002, p 96) e esse lado compensatório está na identificação com Teseu, o herói, que vence o lado caótico do homem.

¹⁴ O *Quarto escuro* aqui se refere à rede de esgotos subterrânea de algumas cidades romanas – local frio, sujo e com ratos e baratas. Com as intensificações as perseguições aos cristãos tornou-se o local secreto no qual aconteciam às reuniões e culto a Jesus Cristo. Um local do *Batismo dos pagãos ao cristianismo*. Pelos quais se localizam as catacumbas onde foram enterrados os mártires perseguidos, torturados e mortos pelos imperadores romanos entre eles Nero e Diocleciano.

4 Entrando no Dark Room

O Dark Room é um espaço especificamente masculino, sendo frequentado por algumas mulheres. E a transgressão é permitida por ser enigmático, para outros funciona como um *lugar-templo*, cheio de signos, com rituais repletos de possibilidades (Benítez, 2007). Geralmente há a ausência da comunicação verbal, no qual a comunicação gestual/comportamental é usada metaforicamente proporcionando a sucessão de várias situações distintas ao mesmo tempo, inexistindo norma acerca do número de pessoas que participar do ritual e nem todos possuem as mesmas intenções quanto à própria participação.

O *lugar*¹⁵ para a antropologia, segundo Augé (1999), teria um princípio de sentido para aqueles que o habitam/frequentam e um princípio de inteligibilidade para quem o observa. Segundo Nora (1993), os *lugares de memória* e os seus frequentadores não existem. Os *não lugares* que frequentam não detêm passados nem futuro, enquanto o lugar é sempre indenitário, relacional e histórico. Os *não lugares*, em contrapartida aos lugares sociológicos, são lugares de deslocamento, pelos quais homoeróticos ocupam, o fazem transitoriamente sem a construção da sua identidade. Nele a parada é transitória porque por tratar-se de um *lugar de passagem*, ou seja, *não lugar*. Para Augé (2004), quem entra não faz senão passar de um lugar a outro.

Bauman (2001) afirma, que nos *não lugares* todos devem se sentir como se estivessem em casa, mas ninguém deve comportar-se como tal, especialmente porque estes espaços são engendrados para serem atravessados e deixados para trás o mais rapidamente possível. No Dark Room, o homoerótico se desloca em busca de outra realidade, diferente daquela que vivenciada em seu cotidiano, ele busca o extraordinário que rompa com a prática cotidiana engendrando pelo outro *modo de olhar*, apalpar, experimentar e sentir as coisas a sua volta. Segundo Urry (2002, p. 01), um *olhar turístico*, que não seria mono causal nem unidimensional, por sofrer as variações de acordo com a sociedade, os grupos sociais e o período histórico. Ou seja, uma relação entre pessoas e culturas (Pacheco, 1998).

Os homoeróticos e alguns heterossexuais participam dos rituais no Dark Room guiados por seu próprio desejo e/ou curiosidade (Cuschnir, & Mardegan, 2001), no entanto, reconhecendo e obedecendo as expressões e os movimentos a partir dos quais podem compor o ritual maior. Com um ritmo próprio composto dos ritmos individuais que se ritualizam. O local é possuidor de temporalidade que os sujeitos a reconhecem, e muitas vezes, sendo determinados, tantos pelos agentes como também pelo ritmo do som que ecoa da boate, ou do cinema ou da terma agregando um todo. Para Tambiah (1985), os gestos e movimentos presentes na sala cerimonial é também um ritual primitivo confronta a institucionalização da linguagem na prática etnográfica questionando com palavras e gestuais, não são obrigatoriamente concomitantes ao seu sentido referencial. Procurando compreender os significados dos mantras, como apontou Tambiah (1968).

Nele, o silêncio predomina, mas não é absoluto. As palavras são substituídas pelos sons dos gemidos, suspiros, do tossir, do fungar e movimentos algumas vezes sequenciais. Para Benítez (2007), pode ser compreendido como uma projeção primitiva dos sentidos a partir dos quais muitas sociedades organizam suas experiências e constroem seus mundos, ou seja, os ancestrais falam por meio dos rituais vivenciados e experimentados no segredo. O primeiro contato sempre começa com os toques, no ato de pegar (apalpar) e se deixar ser pegado (apalpado).

O *local do ritual*¹⁶ é impregnado pelo desejo objetivo do gozo, do orgasmo e do ato sexual, lá único e maior objetivo não é *fazer amor*, mas *foder*\transar\trépar. O sujeito é penetrado pelo silêncio em alguns momentos, sentindo a escuridão possibilitando compreender o significado

¹⁵ O termo **Lugar** está se referindo ao Dark Room.

¹⁶ **Local do ritual** aqui se refere ao Dark Room.

através do próprio corpo guiado pela *Triade Cognitiva* (Ellis, 1962; Wright, Basco & Thase, 2008; Austin, 2003).

5 Dark Room: Acendendo as Luzes

5.1 Temas A

Ao entrar na terma os clientes recebem um pá de sandálias de borracha, dois preservativos, um sache de gel lubrificante, uma chave de um dos armários e uma toalha de banho. O Dark Room funciona na sauna de vapor, sala de paredes revestidas de azulejos brancos, com bancos de cimento, alguns cômodos com a luz fraca e outros sem iluminação, o teto é baixo, existem cabides de porcelana na parede para colocar as toalhas e roupas. Há um banheiro com vários chuveiros, sendo separado por um vidro da sauna que possui bancos de cimento voltados para esse vidro com visão quem está no chuveiro. A sauna tem o formato de uma espiral com bancos de cimento revestidos de azulejo sempre laterais. Observou-se a frequente entrada de vários homens com idade acima dos 40 anos.

A comunicação no espaço é apenas gestual, os sujeitos em um ritual tocam no pênis um do outro (passivo toca no ativo ou no versátil) exibem os braços, alguns tiram as toalhas ficando nu após as coloca de novamente de forma sistemática e sincronizada. O sujeito não seleciona seu parceiro e os profissionais do sexo ali presentes não negociam outras formas de pagamentos pelos serviços, porque o sujeito não tem interesse de se identificar. Na observação participante a experiência escorre entre os dedos restando fragmentos de sentidos, *flashes* fugazes, na qual havendo a possibilidade de engendrar a hermenêutica que ofertar imagens e sentidos. Assim, é possível interpretar a cultura do *Outro* que segue vivendo e sendo o que é (Heidegger, 1988).

Os pesquisadores são símbolos de uma cultura que não consegue se pensar senão olhando-se no espelho do *Outro* (Lacan, 1992; 2002), para que possa conhecer melhor, os próprios nexos que o colocam em movimento. Cabendo a confiança na orientação do ouvido em vez do olho, revelando assim, outros modos de conexão com o mundo; formas que, são ofuscadas pela prevalência do olho, na qual o sujeito seja menos sozinho, mais bem provido. A audição supera a visão, assim como, o entendimento ultrapassa o conhecimento e a fé transcende a razão. A audição “é um fundamento da experiência no qual o som penetra o indivíduo e cria um senso de comunicação e participação” (Stoller, 1966, p.103).

5.2 Temas A

Há distribuição de preservativos, uma chave para armário, sandália de borracha, toalha. Há uma sala com chuveiros antes da sala de vapor, logo há uma porta de alumínio, dentro uma pequena sala com bancos revestidos de azulejos uma fila de banco de frente para outra, todos encostado na parede. Na segunda entrada há uma sala com bancos de cimento e azulejo em volta de toda a parede. No centro é vazio no qual os rituais são realizados. Espaço escuro, e com presença de vários Garotos\Boys de Programas - rapazes com idade de 20 a 30 anos. Os frequentadores do Dark Room, na grande maioria são homens com idade acima de 40 anos. Observou-se no abrir e fechar da porta, alguns sujeitos com aliança reluzindo na mão esquerda. No ritual, a prática do sexo, tanto oral como anal, boa parte dos homoeróticos não usam preservativos, além da prevalência do sexo grupal, um ritual de orgia misturado com perversão, mascaradas pela agressividade somada pela presença de bebidas.

A promiscuidade e a prostituição masculina estão ancorada na hierarquização fundamentada nos papéis de gênero, a dicotomia ativo-passivo envolvida nas práticas sexuais são representadas como categorias boys e frangos, servindo como referência e diferenciação comportamental somada ao masculino e ao feminino, traduzida nas relações de poder efetivadas na subjugação e dominação

entre homens, no qual a submissão não se limita ao feminino, mas em algumas situações se estende aos homens. O comportamento sexual no Dark Room, segundo Foucault (1994), adota a consciência do que se faz, a maneira que se vê a experiência e o valor que se atribui. No Dark Rooms, nas ruas e como na internet os valores monetários envolvidos tenderão a apresentar alterações de acordo com a natureza dos serviços prestados, tempo na atividade, subcategorias, territórios e performances de gênero. O fenômeno da promiscuidade como da prostituição masculina no Bairro da Boa Vista revela-se na multiplicidade de manifestações e grande diversidade de conceitos para os homoeróticos.

5.3 Cinema A

Ao entrar no cinema A o cliente recebe um preservativo e um sachê de gel lubrificante. Sobre um balcão existe um aquário de vidro cheio de preservativos. O local possui iluminação fraca, paredes pintadas de cor de tijolo avermelhada, uma sala/teatro de exibição de filmes pornô heterossexual. A sala do Dark Room é separada por uma cortina de couro preta, revestido meia parede cerâmica é outra parte avermelhada sem iluminação. Nos rituais sexuais geralmente os sujeitos não usam preservativos, o sexo oral é ponto forte dos rituais ali praticados. O som do ritmo produzido no ato sexo oral enfeitava outros homoeróticos.

Nos rituais de possessão, o sujeito possuído sente-se penetrado e abalado. Na feitiçaria ocorrem da mesma forma, no qual o som do encanto mágico que atua, poderosamente, para o bem ou para o mal, no corpo da vítima ou do paciente. Em todo caso, é o som em si que as pessoas ouvem e ao qual elas respondem. Segundo (Stoller, 1966), esse som tem uma existência própria, separada dos domínios da vida humana, animal e vegetal. O homoerótico ativo tanto dentro como fora do Dark Room fica com as costas voltadas para a parede, enquanto o passivo fica ao centro tocando e apalpando os pênis dos ativos. O versátil, tanto assume o papel ativo como passivo, não se incomoda que toque nas suas nádegas como no seu pênis.

Na penumbra da entre sala podem efetuar um primeiro critério de seleção de seu, ou, dos seus parceiros, com o objetivo de iniciar um intercuro sexual ou uma *curtição*¹⁷. Ao mesmo tempo, que a penumbra lhe permite que sejam selecionados pelos outros. Nos locais com luz fraca encontra-se os voyeurs e os exibicionistas, o primeiro não resistindo à exibição realizam o ritual provocativo que é mascarado por carícias, toques; baixa o zíper, abre a calça, coloca a mão dentro da cueca apalpa, mede, toca, esfrega, massageia, tira o pênis e coloca-o para fora da calça, acariciam cuidadosamente, ali mesmo acontece as *pegações*¹⁸. O fenômeno do estrangeiro é uma experiência positiva, exatamente por forçar o psicólogo, antropólogo e sociólogo que se desloca na busca do contato intercultural a viver esse jogo entre proximidade e distância (Gell, 1995) que atinge também aquele que interage com ele enquanto *receptor*.

Lévi-Strauss (1996b) apresenta uma concepção de inconsciente que organiza estruturalmente todo conflito, trauma, imagens que por ele passam, ou seja, o inconsciente para esse autor se reduz ao sistema, que é formado pelo conjunto de estruturas. Assim, como o estômago é indiferente aos alimentos que por ele passam, limitando-se a digeri-los, o inconsciente organiza em estruturas tudo o que por ele passa, desconhecendo o conteúdo dessas imagens. Um elemento que seja reorganizado na estrutura mental ou corporal modifica todo o sistema, que é um conjunto de estruturas (Lévi-Strauss, 1996a, p. 232-233). Para Jung (1999), o inconsciente não se reduz ao sistema: ele está repleto de símbolos, e mesmo de coisas simbolizadas que lhe formam uma espécie de substrato (Lévi-Strauss, 2003, p. 29). “A relação do etnógrafo que descreve um fenômeno social

¹⁷ *Curtição* - Ato de se acariciar sem transformar esse jogo erótico em uma relação sexual (*foda, coito, e/ou transa*).

¹⁸ *Pegação* - Ritual entre duas pessoas que pode ou não haver ato sexual sem penetração, ou uma esfregação, enroscar (sarro), entre dois sujeitos. Enquadram-se o sexo oral, a masturbação, o beijo, abraço entre outras.

é não apenas uma relação significativa, mas também uma relação que mobiliza uma atividade: a interpretação de sentido” (Laplantine, 2004, p. 107).

5.4 Cinema B

O Dark Room se localiza ao lado da sala de projeção de filmes pornô heterossexual, sendo em uma sala com uma cortina de tecido grosso e de algodão vermelha, meia parede revestida de cerâmica, sem bancos. Com dor de urina associado com esperma. Os homoeróticos de papel ativo ficam encostados na parede e os passivos e versáteis ficam circulando pelo centro, o local dos rituais. Não havia a distribuição de camisinhas e nem gel lubrificante. Os frequentadores são as travestis, Garotos de Programa e homens acima dos 45 anos, quase todos com aliança no dedo esquerdo. Com exceção das terças-feiras dia dedicado aos estudantes, com a presença de pessoas acima dos 18 anos. Alguns sujeitos entram com latas de bebidas alcoólicas nas mãos. Durante os rituais os homoeróticos não usam preservativos. Faziam sexo anal e oral e em alguns momentos houve o sexo em grupal - *suruba*.

Os homoeróticos no Dark Room são possuidores de poderes extraordinários que estão sob um forte feitiço, possessão, no qual se envolvem como se tivessem em um culto de adoração. Uma pessoa que possua poderes extraordinários de audição é um ideal de virtude; mas alguém com visão extraordinária é um bruxo. O bruxo vê tudo – seu mundo é transparente e não oferece barreiras à visão. Pode olhar para cima e ver a aldeia dos mortos no céu; ele pode olhar para baixo e ver os fogos das pessoas que vivem sob a terra; e pode olhar à sua volta e ver índios inimigos em suas próprias aldeias muito longe (Seeger, 1975).

5.5 Na Boate

O horário de funcionamento da boate inicia a partir das 22:00 e vai até às 05:00 da manhã do dia seguinte. O Dark Room está localizado entre a pista de música eletrônica e sala de exibição de filmes pornô gay. Sala sem mobiliário, de telha canal de amianto, meia parede revestida de cerâmica, piso de pedra, iluminação fraca. Não há distribuição de camisinhas nem gel lubrificante. Algum momento ouviu-se alguns jovens verbalizar para seus amantes idade inferior a 18 anos. Havia grande mais de 30 pessoas no mesmo espaço de aproximadamente vinte metros quadrados. Apresentava um odor de urina e esperma. Havia a presença de pessoas embriagadas, bastante travestis. Os rituais funcionam de acordo com o som vindo da pista de música eletrônica. Os homoeróticos mergulham no ato sexual como se fossem a última coisa da vida. O sentido da visão no pensamento *Suyá* é associado a tendências moralmente delinquentes e antissociais dos frequentadores (Seeger, 1987).

Antes do Dark Room existe uma sala de exibição de filmes pornôs gays, os sujeitos entram no quarto escuro fazendo uso de álcool, não sendo observada ou notada a presença de outras drogas. Os filmes sempre seguem uma temática, houve noites que o tema era sexo oral, outros de sexo grupal, e os que eram de sexo anal diversificado quanto às posições. Havendo também temáticas sádicas e masoquistas. Havia também agressividade espontânea e aceita nos rituais, podendo ser interpretado como um bacanal havendo: masturbação, sarros – esfregar, só pegadas, tocam – passar as mãos sobre o pênis do outro ou sobre as nádegas, ou ainda sobre o peito, beijos, troca de olhares. Ou seja, um ritual da caça e *pegação*.

6 Considerações Finais

As experiências vivenciadas nos Dark Rooms da Boa Vista foram intensas por apresentarem os conflitos e tensões estabelecidos no campo e aqui narradas, que resultou na compreensão desses espaços tão presentes nas principais cidades brasileiras. O sujeito com relacionamento satisfatório,

não frequenta o Dark Room, no entanto, não deve ter esse pensamento como regra. O sujeito no Dark Room possui um comportamento social dentro de um grupo social que forma uma verdadeira sociedade, transando com homens que não se envolveria na vida real ou na claridade. Por mais que o sujeito apalpe nunca terá a certeza que aquele palpado está correspondendo à imagem mental construída pelo apalpador, e/ou não seja de fato um desconhecido. O Dark Room mostra-se como uma loja de fantasias.

O local acaba simbolizando reduto e/ou um paraíso que leva o sujeito a assumir o seu o papel real. Sendo que o *quarto escuro* dá à possibilidade de tirar a máscara do preconceito, da discriminação, da negação, do medo, do sofrimento, das cobranças sociais entre tantas outras máscaras. A utilização desse local ocorre por representar a segurança do anonimato, uma vez que o sujeito guarda o segredo da sua homossexualidade. Além de garantir a extinção das situações ansiogênicas pelo fato que outros locais não têm essa mesma segurança.

Simplemente por participar dos rituais do Dark Room o homoerótico não perde a sua masculinidade, ele é homem no mais estrito sentido da palavra, e seria errado afirmar que pode limitá-lo a ser apenas gay, no entanto, a sociedade ainda não limita e compreende as relações afetivas, tendo em vista que, o sujeito que entram no Dark Room está sempre esperando o cara perfeito que não vem. O local pode ser compreendido como uma válvula de escape para as normas e convenções sociais, um fenômeno social que reflete o local da liberdade do sujeito, o porto seguro, o local do descanso e do prazer.

Esse trabalho mostrou algumas ideologias sancionadas pela sociedade, estado, religião e convenções sociais não perduram por muito tempo, sendo logo substituída por outra, igualmente verificável, que melhor atende às necessidades e aos objetivos dos grupos, seja dominante ou não, num processo no qual a ficção se sobrepõe à ficção transformando as noções de passado, presente e futuro em algo fluido e efêmero. Levando em conta que, mais da metade dos frequentadores do Dark Room não usam camisinhas mesmo sendo distribuídas e os casados\amasiados\novos\namorado podem contaminar a qualquer momento seu/sua esposa (a). Tendo em vista que, não basta apenas distribuir os preservativos, precisando ser completados com campanhas focais e direcionados para o público com faixa etária acima dos 20 anos.

7 Referências

- Augé, M. (1999). *O sentido dos Outros: atualidade da antropologia*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2004). *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Coleção Travessia do Século, 4ª. ed. Campinas: Papirus.
- Austin, J. L. (2003). *Cómo hacer cosas con palabras* (1962). Buenos Aires: Editora Paidós.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Barros, A. J. P. & Leheld, N. A. S. (2000). *Fundamentos de Metodologia científica: um guia para a iniciação científica*. 2 ed. Ampliada. São Paulo: Makron Books.
- Benítez, M. E. D. (2007). Dark Room aqui: um ritual de escuridão e silêncio. n.º 16. São Paulo: *Cadernos de Campo*, pp. 93 -112.
- Bowker, G. (2003). *Inside George Orwell*. New York: Palgrave Macmillan.
- Bremmer, J. (1995). Pederastia grega e homossexualismo moderno. In.: Bremmer, J. (Org). *De Safo a Sade: Momentos da história da sexualidade*. São Paulo: Papirus.
- Cambi, F. (1999). *História da pedagogia*. São Paulo: FEU - Fundação Editora da UNESP (Encyclopaedia).
- Campos, E. S. (1944). *História e evolução dos hospitais*. Rio de Janeiro: Mistério da Educação e Saúde, Departamento Nacional de Saúde.
- Cervo, A. L. (1996). *Metodologia científica*. São Paulo: Makron Books.
- Cuschnir, L. & Mardegan, Jr. E. (2001). *Homens e suas máscaras: a revolução silenciosa*. Rio de Janeiro: Editora Campus.

- Ellis, A. (1962). *Reason and emotion in psychotherapy*. New York: Stuart.
- Foucault, Michel (1978). A Grande Internação. In: _____. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva.
- _____ (1981). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- _____ (1984a). *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes.
- _____ (1984b). *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- _____ (1994). Sexual Choise, Sexual Act. In. Foucault, M. *DitsetÉcrits*. Vol. 4. Paris: Gallimard.
- _____ (1996). *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola.
- Gell, A. (1995). The language of the forest: landscape and phonological iconism in Umeda. In. *The anthropology of landscape: perspectives on place and space*. Oxford: Claredon, pp.232 - 254.
- Heidegger, M. (1988). *Ser e tempo*. Parte I. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Coleção pensamento Humano. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (1999). *Interpretação psicológica do dogma da trindade*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Lacan, J. (1992). *Seminário VIII: a transferência (1960-61)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____ (2002). *O seminário X: a angústia (1962-1963)*. Recife: Centro de Estudos Freudiano do Recife, 2002.
- Laplantine, F. (2004). *Antropologia da doença*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Lévi-Strauss, Claude (1996a). A eficácia simbólica: *Antropologia Estrutural*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- _____ (1996b). *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____ (2003). Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Editora Cosac & Naify.
- Lima, Luiz Costa (1986). *Sociedade e Discurso Ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Moreira, D. A. (2002). *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson.
- Mott, L. (2002). Cripto-sodomitas em Pernambuco colônia. Vol. 13, n.º 2, pp.7 - 38. *Revista Anthropológicas*.
- Nora, P. (1993). Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*. N.º 10, pp. 07-28. São Paulo: PUC.
- Pacheco, J. (1998). *O Tempo e o Sexo*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Pessotti, I. (1994). *A loucura e as épocas*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Seeger, A. (1975). The meaning of body ornaments: a Suya example. Vol. 14. *Ethnology*.
- _____ (1987). *Why Suyá sing: a musical anthropology of an Amazonian people*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Silva, E. A. (2011). Angústia e Sofrimento Social do Homoerótico. Recife: GT 26, Sociologia das Emoções e do Corpo. In. *XXVIII Congresso Internacional da ALAS – Associação Latino Americana de Sociologia*. Recife: UFPE, pp. 01-20.
- Stoller, P. (1966). Sound and things: pulsations of power in Songhay. In. Laderman, C. & Roseman, M. (Org.). *The performance of healing*. New York/London: Routledge.
- Tambiah, Stanley Jeyaraja (1968). The magical power of words. Vol. 3, n. 2, pp. 175 - 208. In.: *The Journal of the Royal Anthropological Institute*.
- _____ (1985). *Culture, thought and social action: an anthropological perspective*. Cambridge: Harvard University Press.
- Thoreau, H. D. (2003). *A Desobediência Civil e Outros Escritos*. São Paulo: Martin Claret.
- Urry, J. (2002). *The tourist gaze*. London: SAGE Publications.
- Wright, J. H.; Basco, M. R. & Thase, M. E. (2008). *Aprendendo a terapia cognitivo-comportamental: um guia ilustrado*. Porto Alegre: Artmed.